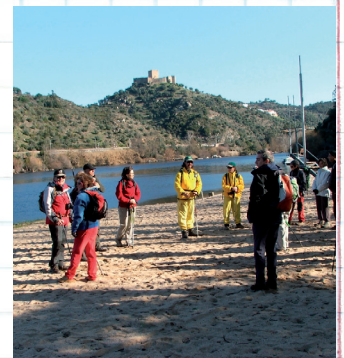


DAS MARCHAS AO TURISMO

por JOSÉ CALHEIROS



Aconteceu na minha juventude que, na Páscoa de 1984, conheci um grupo de jovens que tinha criado um Clube de Montanhismo há pouco tempo. Pareceu-me interessante aquela dinâmica de passear a pé por zonas naturais e ia de encontro a uma tradição de família de gosto pela natureza, embora ligada à caça, à engenharia e à agricultura.

Comecei pela Arrábida, mas rapidamente fui a Sintra, à Estrela, ao Marão, ao Alvão, ao Barroso e ao Gerês. Seguiu-se Monchique, Lousã, Açor, Freita e outras serranias. Estávamos numa época em que esta atividade tinha a designação de “Marchas”. Não seriam populares, mas a designação vinha certamente inspirada das terminologias militares. Estes eventos tinham uma organização baseada numa estrutura assente em clubes, regidos por uma federação. Tinham um formalismo e códigos rígidos herdados das práticas campistas como o içar de bandeiras, as trocas de presentes, a fogueira noturna, o obrigatório tratamento cordial dos restantes elementos por “companheiro”. Enfim, em tudo batia certa a designação marcial de “marcha” com o restante circo de costumes associado.

A prática de andar a pé pela natureza por puro lazer e descoberta tinha uma origem anterior, vinda da curiosidade científica, das expedições filosóficas, da busca do conhecimento. Foi exemplo disso a expedição à Serra da Estrela promovida por SAR D.Carlos I e mais tarde pelo Professor Gomes Teixeira, resultando na organização em Clubes de Montanha no final dos anos 30 e início de 40 do século XX. Está então definido o código genético do atual caminheiro, baseado no saber, no conhecimento e no desfrute da paisagem. Estávamos na época das “Expedições”.

Nos início dos anos 90 tive oportunidade de viajar pela Europa e estar em destinos de Turismo de Passeios Pedestres em França, na Alemanha, na República Checa e perceber que o desenvolvimento regional e local tinham nesta atividade um aliado poderoso. Era a altura de colocar esta máquina de inteligência ativa a funcionar em Portugal. Primeiro dentro de uma estrutura associativa tentei criar a profissionalização do conceito o que foi, obviamente, mal sucedido, face a inúmeras forças de bloqueio que reinam no movimento associativo, baseadas em linhas conceptuais inspiradas em modelos sociais centralistas. Mesmo assim uma oferta regional foi conseguida e o conceito criado foi o de “Caminhada”, um produto de lazer composto entre o exercício físico e uma forte componente cultural e de conhecimento.

Abortada a iniciativa associativa – profissional, foi possível evoluir e ser pioneiro em Portugal na oferta de Passeios Pedestres Turísticos de forma continuada, regular e absolutamente sustentada. O ciclo tinha finalmente fechado

com a componente comercial e, por isso, a capacidade de geração de riqueza baseada na prestação de um serviço completo de qualidade. Chegamos ao conceito do “Passeio Pedestre”, expressão que em inglês tem a designação de “Walking Tour”, podendo ser definida como Walking e Hiking, em francês Randonnée ou em espanhol Senderismo.

Nos últimos quinze anos o desenvolvimento do andar a pé por lazer em Portugal teve um fabuloso crescimento, embora apenas seja praticado por uma reduzida minoria face a outros exemplos internacionais. Foi também neste período que apareceu a rocambolesca invenção da palavra “pedestrianismo” e “pedestrianista” uma adaptação livre do inglês “pedestrian” que em português equivale a “peão”. Foi certamente a tentativa de associar o sufixo “ismo” dando a ideia de que esta prática poderia estar ligada ao desporto e não ao turismo e ao conhecimento.

Praticar “Passeios Pedestres” por lazer faz de cada indivíduo um verdadeiro “Caminheiro”, designação abrangente, bonita e conciliadora com um desenvolvimento saudável de corpo e mente, onde a admiração das paisagens naturais e culturais e a busca do saber são os principais desafios para uma forte experiência de convívio, de socialização saudável e acima de tudo de desenvolvimento regional e local e de criação de riqueza nos destinos onde acontecem as atividades.

Muito ainda está por organizar em Portugal, mas seguimos uma direção certa para que o nosso país seja um destino mundial de referência no Turismo de Passeios Pedestres. ■



José Pedro Calheiros é Engenheiro de Minas; foi Fundador e é Diretor Geral da SAL Sistemas de Ar Livre, Empresa de Animação Turística Portuguesa especializada em Passeios Pedestres e Diretor da Turismo do Alentejo – Agência Regional de Promoção Turística; foi Presidente e Vice-Presidente do Clube de Montanhismo da Arrábida e Monitor de Média Montanha da Escola Nacional de Montanhismo. josepedro@sal.pt

